
Educomunicação e Letramento: Reflexões sobre o Uso da Escrita em um Projeto de Rádio Escola¹

Paulo César Pedroza MARQUES²

João José de Santana Borges³

Universidade do Estado da Bahia, Juazeiro, BA

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo compreender o papel desempenhado pela escrita nas atividades de educomunicação. Para isso, propõe analisar uma experiência educacional desenvolvida no Centro Estadual de Educação Profissional em Gestão e Negócio do Norte Baiano (CEEP Norte Baiano), a partir de um projeto de rádio escola implementado na cidade de Juazeiro-BA. Projetos educacionais, frequentemente, trabalham com o uso dos meios de comunicação na escola, objetivando aproximar a realidade escolar do universo midiático vivenciado pela maioria dos jovens. Mas, como a escrita permeia esses processos? A partir do resgate do material escrito utilizado (scripts), bem como através de outros recursos, iniciarei o processo de análise, tendo como fundamentação as contribuições de Kleiman (2008), Street (2006, 2014) e Soares (2011).

PALAVRAS-CHAVE: educomunicação; letramento; escrita; rádio escola.

1 Introdução

A educomunicação é uma área relativamente recente que, através da interface comunicação e educação, propõe, entre outras ações, o trabalho com os meios de comunicação no ambiente escolar, objetivando, sobretudo, ampliar as possibilidades de aprendizado dos educandos. Seguindo essa perspectiva, realizei, no ano de 2013, um projeto de rádio escola, em parceria com colegas do curso de Jornalismo, da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), no Centro Estadual de Educação Profissional em Gestão e Negócio do Norte Baiano (CEEP Norte Baiano). Na ocasião, busquei trabalhar com as perspectivas educacionais e da comunicação comunitária objetivando despertar nos estudantes do CEEP uma postura participativa, crítica e ativa no espaço escolar e na comunidade, uma das propostas da educomunicação.

Durante aquele período, foram realizados 20 encontros com um grupo de cinco estudantes do Ensino Médio. Nesses encontros, desenvolvi, juntamente com colegas do

¹ Trabalho apresentado no DT 6 – Interfaces Comunicacionais do XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 29 de junho a 1 de julho de 2017.

² Autor do trabalho. Mestrando em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Graduado em Comunicação Social – Jornalismo em Múltiplos Meios (UNEB). E bolsista pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB). E-mail: paulocpedroza@gmail.com.

³ Coautor do trabalho. Doutor em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Professor do PPGESA-UNEB. E-mail: jjborges@uneb.br.

curso de Jornalismo, oficinas de produção de texto, locução e sonoplastia, o que resultou na criação do programa radiofônico “Conexão CEEP”, o qual era exibido no intervalo para o lanche. O programa contava com músicas, notícias, dicas de livro e filme, entre outros conteúdos, possibilitando a esses jovens a prática da escrita (através da produção de textos) e da oralidade (por meio da narração de suas próprias produções).

Todos os programas, exibidos na rádio escola, tinham como base um roteiro escrito, chamado de script, onde constava o texto a ser narrado e as especificações técnicas (locução, vinheta, sobe som, entrada de áudio e etc.). O script era construído pelos estudantes do CEEP com a minha orientação e dos demais colegas que faziam parte do grupo. Os jovens também participavam das demais atividades de produção e veiculação.

Assim, tendo como objeto de análise, especialmente, as produções escritas (scripts) que permearam o processo educacional na rádio escola, desenvolvo este trabalho objetivando compreender qual foi o papel da escrita nas atividades de educação realizadas no CEEP Norte Baiano, através do projeto rádio escola.

Para isso, busco fundamentação na perspectiva do letramento como prática social, que segundo Angela Kleiman (2008) se configura “como um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, como sistema simbólico e como tecnologia” (p.18-19). E, dialogando com a autora sobre a necessidade de pensar as produções escritas, levando em consideração a realidade do educando e da sua comunidade, utilizarei, do mesmo modo, os pressupostos teóricos da educação, que, semelhantemente, ressaltam a necessidade de responder aos anseios dos jovens oferecendo “novos elementos ante suas realidades e vivências” (SOARES, 2011, p.25). Características estas, ressaltadas, também, por Brian Street (2006) ao propor um modelo ideológico de letramento.

Desse modo, a análise aqui proposta levará em consideração um referencial teórico que perpassa pelas problematizações em torno do letramento e da educação, entretanto, sem deixar de lado outras questões importantes, como a relação entre oralidade e escrita nesse processo, afinal, como destaca Sylvia Terzi (2008, p.91): “O desenvolvimento da língua oral e o desenvolvimento da escrita se suportam e se influenciam mutuamente”.

2 Breves reflexões sobre o letramento

O conceito de letramento vem evoluindo ao longo do tempo e, de acordo com Kleiman (2008, p.16), “acompanhou a expansão dos usos da escrita desde o século XVI”. Nesse processo, os diversos estudos realizados sobre o assunto possibilitaram ampliar a compreensão do termo para além das práticas escolarizadas ou restritas às elites, fugindo de uma conceituação reducionista e segregadora. Surge assim, a partir desse movimento de expansão e problematização do campo, a ideia, bem fundamentada, do letramento enquanto prática social.

O letramento enquanto prática social, ou denominado por alguns estudiosos, como Brian Street (2006, 2014), de “letramentos sociais”, refere-se a uma abordagem que propõe a reflexão sobre as condições de uso da escrita nos diferentes contextos sócio-culturais, e não apenas numa perspectiva hegemônica, restrita aos grupos historicamente privilegiados. Ou seja, o letramento enquanto prática social vai contra um conceito generalizante ou universal sobre os efeitos do “letrar”, considerando que as implicações do letramento estão diretamente relacionadas às práticas sociais e culturais dos diferentes grupos humanos que utilizam a escrita (KLEIMAN, 2008).

Dialogando com Kleiman (2008), Brian Street (2006, 2014) defende um “modelo ideológico de letramento”, o qual leva em consideração não apenas as práticas de leitura e escrita inseridas em contextos sócio-culturais específicos, mas também em posicionamentos ideológicos que permeiam as estruturas de poder da sociedade.

Seguindo os pressupostos do letramento sugeridos por Street, no artigo “Perspectivas interculturais sobre o letramento” (2006), é interessante observar o quanto essa definição está relacionada ao entendimento do termo “pessoalidade”. Para o autor: “O que vem a ser uma pessoa, a ser moral e a ser humano em contextos culturais específicos é muitas vezes representado pelo tipo de práticas de letramento em que a pessoa está comprometida” (STREET, 2006, p. 469).

Nesse sentido, o letramento está intimamente ligado às múltiplas experiências de leitura e escrita vivenciadas ao longo de nossa vida: a escrita de uma carta; a narração de antigas histórias e lendas por nossos avós; a preparação de um bolo através de uma receita; o simples manuseio do celular e de outras tecnologias. Esses são apenas alguns exemplos de situações cotidianas que envolvem práticas de letramento constitutivas de

personalidade e identidade, mas que não necessariamente possuem relação direta com a educação escolar.

A ideia de que as práticas de letramento são constitutivas de identidades fornece-nos uma base diferente – e eu argumentaria: mais construtiva – para compreender e comparar as práticas de letramento em diferentes culturas, alternativa à ênfase corrente numa simples dicotomia letramento/iletramento, em necessidades educacionais como inevitavelmente endêmicas ao letramento e no tipo de letramento associado com uma pequena subcultura acadêmica, com sua ênfase no texto ensaístico e na identidade típica a ele associada (STREET, 2006, p.470).

Percebe-se, desse modo, que seguindo uma perspectiva intercultural, Street (2006) desconstrói a ideia de um letramento único e restrito aos ambientes formais de educação. A escolarização do letramento é apenas uma entre as inúmeras formas de “letrar” já existentes em uma dada comunidade. E é nesse ponto que conseguimos visualizar como o letramento envolve questões de poder, ideologia e identidade. Pois a institucionalização de um letramento dominante e formal perpassa, muitas vezes, por processos de invasão e imposição de uma cultura sobre a outra, de um saber sobre o outro, ignorando em demasia os conhecimentos orais, escritos e imagéticos, tradicionalmente instituídos naqueles contextos.

Sobre essa forma de sobreposição de valores ou invasão cultural, o educador brasileiro Paulo Freire, em sua obra *Extensão ou Comunicação* (2013), já nos revelava tais práticas antidialógicas ao tratar das diferenças entre o agrônomo educador (aquele que respeita e compreende a cultura do povo do campo) e o agrônomo extensionista (profissional que encara os sujeitos de aprendizado como depósitos de informações e desconsidera a cultura local ao impor conhecimentos técnicos que ignoram os saberes já existentes).

Toda invasão cultural sugere, obviamente, um sujeito que invade. Seu espaço histórico-cultural, que lhe dá sua visão de mundo, é o espaço de onde ele parte para penetrar em outro espaço histórico-cultural, superpondo aos indivíduos deste, seu sistema de valores (...). As relações entre invasor e invadido, que são relações autoritárias, situam seus polos em posições antagônicas (...). Assim é que toda invasão cultural pressupõe a conquista, a manipulação e o messianismo de quem invade (FREIRE, 2013, p.48-49).

Dessa maneira, o processo de invasão cultural definido por Freire (2013) pode ser comparado, por exemplo, com situações nas quais o Estado propõe a implantação de planos nacionais de educação que desconsideram as especificidades de cada contexto, e

acabam por impor uma forma de “letrar” que ignora as práticas de letramento já estabelecidas na comunidade.

A educação dialógica e participativa proposta por Freire, e as perspectivas interculturais do letramento abordadas por Brian Street (2006, 2014), confirmam-nos a necessidade de compreender e considerar as inúmeras formas de letramento existentes na hora de propor um modelo escolarizado e formalmente instituído. Um determinado saber, seja ele escolarizado ou não, nunca deve se sobrepor ao outro. Portanto, uma proposta diferenciada de letramento não deve substituir as práticas já estabelecidas, mas sim, servir como elemento que agrega sentido aos modos de letrar já constituídos na comunidade. A educomunicação, área do conhecimento que fundamentou a implementação do projeto rádio escola “Conexão CEEP”, dialoga com essa perspectiva.

3 Caminhos para a análise

Com base nas produções escritas que permearam o projeto de rádio escola desenvolvido no CEEP Norte Baiano, bem como através do resultado dessas produções (programas radiofônicos), pretendo compreender qual é o papel da linguagem escrita e do letramento na educomunicação. Para esse fim, irei analisar um dos scripts construídos pelos estudantes do CEEP, em parceria com os estudantes de Jornalismo, além de depoimentos e outros registros.

Projetos educamunicativos, frequentemente, trabalham com o uso dos meios de comunicação na escola, objetivando aproximar a realidade escolar do universo midiático vivenciado pela maioria dos jovens. Fotografia, vídeo, rádio escola, são algumas ferramentas utilizadas. Mas como a escrita permeia esses processos? Qual o seu papel? E o letramento?

No projeto rádio escola, do CEEP, que resultou na criação de programas radiofônicos, leitura e escrita permeavam todo o processo de produção. Nas reuniões de pauta⁴, onde definíamos a programação a ser veiculada na rádio, os estudantes expunham temas que gostariam de discutir e que fossem considerados importantes para

⁴ No jornalismo, a pauta é uma espécie de roteiro responsável por guiar o repórter no processo de apuração e construção da matéria jornalística (notícia, reportagem, entrevista). Nesse roteiro constam a proposta (o assunto a ser abordado), o encaminhamento (sugestão de abordagem), além de informações adicionais sobre o assunto, bem como a identificação do “pauteiro” ou produtor responsável pela elaboração do documento. No projeto rádio escola, a pauta era sugerida pelos estudantes do CEEP e não seguia rigidamente o modelo jornalístico, pois a intenção era apenas que eles compreendessem a importância de esquematizar/planejar uma ideia antes de colocá-la em prática.

a comunidade escolar. Em conjunto, era definida toda a programação, que mais tarde seria esquematizada no script.

A partir das oficinas de produção de texto (imagem 1), ministradas durante a realização do projeto, os estudantes escreviam as pequenas notícias por eles sugeridas, bem como os demais conteúdos da programação, como dicas de filmes e livros que poderiam ajudar no vestibular, já que se tratavam de alunos do primeiro e segundo ano do Ensino Médio.

Imagem 1: Oficina de produção de texto realizada no CEEP Norte Baiano.



Fonte: Arquivo pessoal.

A narração do programa (imagem 2), também realizada pelos estudantes do CEEP, resultava da leitura do texto do script, previamente elaborado. Por meio de especificações como: LOC 1 (o primeiro a narrar), LOC 2 (o segundo a narrar), TEC – ÁUDIO (pausa para entrada de música ou vinheta), entre outras, os estudantes, através das orientações escritas no script, sabiam qual o momento de narrar, bem como, a ocasião de inserir uma música ou vinheta.

Imagem 2: Primeira oficina de locução realizada no laboratório de rádio da UNEB-Juazeiro.



Fonte: Arquivo pessoal

Assim, a partir do resgate desse material escrito (script), bem como através de depoimentos e outros registros do trabalho realizado nas oficinas, iniciarei minha análise.

4 A análise

O projeto de rádio escola “Conexão CEEP”, guiado pelos pressupostos educacionais, foi construído em parceria com os estudantes e professores da instituição. Inicialmente, apresentamos o projeto à direção e aos professores da escola, e em seguida, visitamos as salas de aula convidando os estudantes para participarem, voluntariamente, da iniciativa. Nesse sentido, destaco que nenhum estudante foi “obrigado” pela escola a participar do projeto, pois, logo de início foi explicitado que um trabalho dialógico, com base na educação, não aceitaria medidas autoritárias.

Muitos discentes se dispuseram a participar do projeto, em torno de 20 assinaram a lista de interessados, porém poucos compareceram aos encontros, formando um grupo fixo que variava entre cinco e sete participantes, aqueles que realmente se identificaram com a proposta e se dispuseram a participar de mais uma atividade no contraturno da aula.

Oficinas de produção de texto, locução em rádio, cinema na escola e reuniões de pauta estavam entre as atividades realizadas por meio do projeto, todas elas buscavam proporcionar um ambiente aberto às opiniões e ideias dos educandos. Foram os próprios estudantes, por meio de votação, que decidiram nomear o programa radiofônico, bem como as ações do projeto, de “Conexão CEEP”. Do mesmo modo,

eram os discentes que escolhiam os assuntos abordados nas produções textuais que seriam veiculadas pela rádio escola. Assim, procurávamos romper com aquilo que Ismar de Oliveira Soares (2011, p.37) chama de “perspectiva hegemonicamente verticalista na relação entre emissor e receptor”, propondo uma “teia de relações inclusivas, democráticas, midiáticas e criativas”.

Foi nesse sentido também que criamos o “cinema na escola”, momento no qual utilizávamos a sala de vídeo do CEEP para exibir filmes que dialogassem com a realidade dos educandos, problematizando temáticas como bullying na escola, preconceito racial e de gênero, e uso de drogas. O objetivo da sessão de cinema era possibilitar uma leitura crítica das temáticas retratadas nos filmes e suscitar o interesse dos estudantes por produções audiovisuais mais críticas. O grupo gostou da ideia e sugeriu para o programa de rádio um quadro fixo, chamado “Dica Conexão!”, onde eles poderiam sugerir um filme ou livro, fazendo uma sinopse da história.

4.1 Analisando as produções escritas

As produções escritas refletiam as discussões proporcionadas durante a realização das oficinas. O script que será analisado foi o único encontrado⁵ nos arquivos, entre tantos outros produzidos naquele segundo semestre de 2013. O programa narrado através desse texto foi um pouco menor que o de costume, com apenas dois quadros: o “Aluno antenado!” e “Dica Conexão!”. Outros programas também contavam com o quadro “Por dentro do CEEP”, com notícias sobre a escola.

Para dar início às nossas reflexões sobre o papel da escrita e do letramento na educomunicação, destacarei, em seguida, um trecho inicial do script:

TEC – VINHETA “CONEXÃO CEEP, A SUA RÁDIO NA ESCOLA”.

LOC 1 - OLÁ AMIGOS/ ESTÁ NO AR A SEGUNDA EDIÇÃO DO CONEXÃO CEEP/ O PROGRAMA PRODUZIDO PELOS ALUNOS DO CENTRO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL DO NORTE BAIANO, PARA TODA A COMUNIDADE DA NOSSA ESCOLA//

LOC 2 – O CONEXÃO É PRODUZIDO EM PARCERIA COM OS ESTUDANTES DE JORNALISMO DA UNEB// E NÓS AGRADECEMOS O APOIO DE TODOS QUE FAZEM PARTE DO

⁵ Geralmente o script era produzido na hora, utilizando o notebook de um dos participantes. Em seguida, o documento era impresso para leitura na rádio. Por isso, muitos arquivos não foram mais encontrados nos computadores, com exceção do script analisado, encontrado em um e-mail da época, tendo sido enviado para revisão.

PROGRAMA,/ PRINCIPALMENTE DOS NOSSOS COLEGAS
QUE SEMPRE NOS ACOMPANHAM.//

LOC 1 – E PARA ALEGRAR O DIA DE HOJE, VAMOS OUVIR A
MÚSICA “DE VOLTA À CENA”/ DOS RACIONAIS MCS//.

TEC – ÁUDIO “DE VOLTA À CENA”

Ao analisar o fragmento acima, preservado em suas características originais, podemos perceber que não se trata de um texto convencional, apresentando termos técnicos do radiojornalismo como LOC 1, LOC 2, TEC, além de estar todo redigido com letras maiúsculas, o que chamamos de CAIXA ALTA. Outra característica que pode ser percebida é o uso de “barras”, representadas pelos sinais gráficos “/” e “//”. Toda essa linguagem faz parte do universo radiojornalístico e foi trabalhada com os estudantes durante as oficinas. Nelas, procuramos evidenciar a importância desse tipo de escrita para o rádio, o objetivo era que os estudantes compreendessem que toda essa “técnica” visava facilitar a narração.

Durante algumas oficinas⁶ sobre texto jornalístico e, mais especificamente, radiojornalístico, foi discutido o porquê da utilização dessa linguagem. Explicamos que expressões como LOC 1 e LOC 2 são utilizadas para distinguir, no texto, qual narrador irá falar, equivalendo a “narrador 1” e “narrador 2”; a escrita do texto em CAIXA ALTA é indicada para facilitar a leitura para o rádio, pois as letras maiúsculas são mais difíceis de serem confundidas, evitando erros na pronúncia das palavras; as barras (/ , //) indicam os momentos de pausa, ajudando na narração oral, uma única barra (/) recomenda pausa leve ou rápida, e duas barras (//) indicam pausa mais prolongada, equivalendo à utilização do ponto final. A narração de um programa radiofônico exige agilidade e dinamismo, por isso o texto deve ficar o mais “visível” possível ao locutor/narrador. Todos esses detalhes foram abordados nas oficinas de produção textual.

Nota-se, assim, que os discentes tiveram contato com uma forma de escrita diferenciada, que privilegiou a linguagem formal e técnica, adequando-se ao contexto radiojornalístico. Afinal, como nos lembra Kleiman (2008, p.39), “as práticas de letramento mudam segundo o contexto”. E mesmo tratando-se de uma forma de letramento “escolarizada”, a escrita jornalística apresentou especificidades até então

⁶ É importante destacar que as oficinas de produção textual não trabalharam apenas os gêneros jornalísticos, mas também os textos narrativos, descritivos, dissertativos, carta, crônica, entre outros. O trabalho com o texto jornalístico era voltado, apenas, para a produção do programa de rádio.

desconhecidas pelos estudantes, que a partir do contato com essa forma de escrita passaram a compreender a importância de comunicar, de forma clara, o que se pretende dizer, seja de forma escrita ou narrada.

Vale ressaltar que, embora o gênero jornalístico tenha sido trabalhado nas oficinas, foram os próprios estudantes que optaram por utilizar esse tipo de escrita no programa radiofônico, após compreenderem o significado de cada termo técnico ou expressão utilizada. Eu e os colegas do curso de Jornalismo, apenas auxiliávamos na revisão.

A partir dessa produção escrita, podemos destacar, por um lado, uma forma de letramento que dialoga com o modelo escolarizado, apresentando características que fogem da maneira usual das conversações informais entre os jovens, e até mesmo de uma escrita “despreocupada”, ou seja, distanciando-se um pouco do cotidiano dos estudantes. Por outro lado, porém, os assuntos abordados no programa radiofônico faziam parte da realidade vivenciada por esses jovens, afinal, eles mesmos escolhiam as pautas a serem veiculadas, como no exemplo a seguir:

LOC 3 - OLÁ GALERA DO CEEP!// PARA VOCÊ, QUE VAI FAZER A PROVA DO ENEM ESTE ANO, SAIBA QUAIS SÃO OS ASSUNTOS QUE PODEM CAIR NA REDAÇÃO.// TEMAS COMO: A CONSTRUÇÃO DA USINA DE BELO MONTE,/ ENERGIA NUCLEAR,/ GLOBALIZAÇÃO,/ DIREITOS HUMANOS E MEIO AMBIENTE SÃO LEITURAS OBRIGATÓRIAS PARA O ALUNO ANTENADO QUE PRETENDE PASSAR NO VESTIBULAR.// ENTÃO, NÃO ESQUEÇA! PESQUISE MAIS SOBRE ESSAS TEMÁTICAS E FAÇA UMA BOA PROVA!//.

No fragmento acima, que faz parte do quadro “Aluno antenado!”, identifica-se que um dos assuntos sugeridos pelos estudantes foi a redação do ENEM, refletindo o contexto vivenciado pelos jovens naquele momento, novembro de 2013, data próxima da realização do exame. Nesse contexto, por se tratar de um grupo de estudantes do primeiro e segundo ano do Ensino Médio, a pauta abordada refletia a realidade vivenciada pelos jovens, fazendo-nos compreender o motivo da sugestão. Tal fato também reflete o que Street (1984, 1993, apud KLEIMAN, 2008, p.38) denomina como modelo ideológico de letramento: “todas as práticas de letramento são aspectos não apenas da cultura, mas também das estruturas de poder numa sociedade”.

A escolha pela pauta “redação do ENEM”, bem como a manifestação textual escrita, revelam aspectos não apenas da cultura, como também das estruturas de poder

na sociedade brasileira. Evidencia-se através do trecho relatado, uma cultura “escolarizada”, marcada pela formalidade, técnica e respeito às regras gramaticais. Além disso, revela o poder do sistema educacional brasileiro, que pauta o cotidiano desses jovens, mesmo quando eles têm a oportunidade de “falar” sobre outros assuntos. Isso se torna ainda mais explícito ao longo do script, pois os estudantes relatam também a proximidade do Exame Seriado, da Universidade de Pernambuco (UPE).

O texto escrito pelos estudantes do CEEP, como vimos, revela também os assuntos de interesse desses jovens, o que nos faz recordar Street (2006) ao afirmar que as práticas de letramento são constitutivas de identidade e personalidade. Constata-se que, para além do contexto escolar, que se mostra decisivo na formação cultural desses jovens, outros aspectos apontam para uma identidade juvenil que se expressa por meio das escolhas musicais do programa em análise, como podemos observar no fragmento a seguir:

LOC 1 – E PARA ALEGRAR O DIA DE HOJE, VAMOS OUVIR A MÚSICA “DE VOLTA À CENA”, DOS RACIONAIS MCS//.

TEC – ÁUDIO “DE VOLTA À CENA” (...).

**LOC1- E AGORA, PARA RELAXAR, MAIS UMA MÚSICA.//
“PAÍS DO FUTEBOL”, DO MC GUIMÊ//.**

TEC- MÚSICA

As opções musicais dos estudantes refletem uma tendência cultural, ainda forte entre os jovens das periferias, de atração por ritmos como o rap e o funk, representados acima, respectivamente, pela música “De volta à cena”, dos Racionais MCs, e “País do Futebol”, do MC Guimê. Ou seja, tais escolhas, expressas na escrita, nos remetem ao contexto sócio-cultural vivido pelos jovens do projeto, todos eles pertencentes a bairros periféricos de Juazeiro-BA. Do mesmo modo, os escritos revelam uma identidade fortemente influenciada não só pelo letramento escolar, mas também pelo universo midiático, o qual, desde o início dos anos 2000, passa a dar destaque à “cultura dos MCs”, revelada em ritmos como os já citados rap e funk.

Outro fator de análise, o tempo todo evidenciado no script, é a forma como os estudantes se apropriaram da escrita radiojornalística. A expressão **TEC** é utilizada para indicar ao narrador e sonoplasta as informações técnicas de áudio, como: entrada de vinheta, música, fala de entrevistados (sonoras) e etc. Tais características dialogam com a definição de letramento abordada por Kleiman (2008, p.18), que define o letramento

“como um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, como sistema simbólico e como tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos”. Seguindo essa perspectiva conceitual sobre o letramento, a autora, ao relatar a experiência de uma alfabetizadora, diz que “as práticas de letramento (...) estão determinadas pelas condições efetivas de uso da escrita, pelos seus objetivos, e mudam à medida que essas condições também mudam” (KLEIMAN, 2008. p.19). Fato que pode ser observado quando comparamos a escrita expressa no script a outras modalidades de textos produzidos pelos jovens, como o gênero dissertativo, a carta e até mesmo os depoimentos escritos através de redes sociais da internet. O texto a seguir foi redigido pelo jovem Eduardo França, quando questionado, por meio do Facebook, sobre a importância desse projeto para sua formação.

Quando começaram a falar sobre uma rádio na escola, eu não quis me envolver de cara. Então um amigo me chamou para entrar no projeto por curiosidade de conhecer como é fazer uma rádio, já no primeiro dia eu gostei, e vi pela primeira vez algo que eu pudesse fazer pelo colégio e alunos. E assim encontrei um lugar onde minhas ideias foram ouvidas, depois de ser ignorado por quase todos que conhecia. Pude transmitir tudo que eu achava e compartilhei com todos os que procuraram o projeto da rádio. A rádio me tornou um melhor comunicador. Melhorei muito com ela, e vi ali oportunidade de mostrar coisas que até então eu não sabia fazer (EDUARDO FRANÇA, 2016).

Nota-se, através do depoimento, que a escrita utilizada pelo jovem se diferencia daquela expressa no script. A técnica radiojornalística é desconsiderada, pois o estudante compreende se tratar de um outro espaço de enunciação, onde a escrita apresenta um objetivo diferenciado. Retomando Kleiman (2008), entendemos que as práticas de letramento mudam à medida que os objetivos dessa escrita também mudam. O objetivo do jovem não era mais narrar uma informação no rádio, mas sim expressar a sua opinião sobre o projeto.

É interessante perceber também que, embora se trate de um depoimento escrito por meio de uma rede social da internet, o estudante expressa no seu discurso uma certa formalidade, distanciando-se um pouco mais da informalidade dos textos escritos “inbox” no Facebook, os quais, geralmente, apresentam formas abreviadas (vc, pq, qd, flw...) e despreocupação com acentuação e pontuação. Percebe-se, assim, a influência do letramento escolar na formação desse educando.

5 Resultados/ impactos

No decorrer dos 20 encontros realizados, tendo como base uma perspectiva participativa e colaborativa, a qual faz parte da proposta da educomunicação, foi possível perceber uma significativa melhora no nível de leitura dos estudantes, e, principalmente, a superação da timidez, como relataram, na época, alguns professores.

Em conversa informal, a professora de língua portuguesa disse ter ficado muito surpresa quando um dos alunos do projeto, Rafael, se dispôs a participar de uma peça de teatro realizada na escola. Rafael era demasiado tímido e pouco participativo. “Ele mesmo me pediu pra fazer parte da peça, não foi preciso ninguém insistir”, lembrou a professora.

Outros participantes também apresentaram avanços significativos, como o estudante Maykon Ribeiro, que manifestava demasiada dificuldade de leitura e escrita, negando-se, inicialmente, a participar das atividades de locução, pois se sentia constrangido em falar para o público. Entretanto, no decorrer dos encontros, Maykon se sentiu acolhido pelo grupo e, voluntariamente, pediu para participar das atividades de locução. Nas últimas oficinas, o jovem já demonstrava uma expressiva melhora na escrita e, principalmente, na oralidade.

Acredito que os avanços alcançados pelos jovens participantes, sobretudo no que se refere à oralidade e escrita, deveram-se não apenas ao trabalho de leitura, pesquisa, produção e narração de textos, mas também, e principalmente, devido à metodologia participativa e dialógica utilizada ao longo de todo processo, sempre guiados pela perspectiva educacional, que segundo Soares (s.d.) refere-se a:

...todo o conjunto de ações e reflexões inerentes ao desenvolvimento de ‘ecossistemas comunicativos’, abertos e colaborativos, possíveis graças à gestão democrática dos recursos da informação, e que tenha como meta a prática da cidadania, presente no exercício da expressão comunicativa por parte de todos os agentes sociais envolvidos (SOARES, s.d., p.2).

Todas as ações desenvolvidas, ao longo do projeto, visavam promover esse ambiente aberto e colaborativo, do qual trata Soares (s.d.). Nós, integrantes da equipe, buscávamos dar voz a esses jovens, e para isso, explicitávamos que o projeto estava aberto às diversas opiniões. Fato que se expressa, como vimos, no depoimento de Edwardo França, quando relata: “(...) encontrei um lugar onde minhas ideias foram ouvidas, depois de ser ignorado por quase todos que conhecia. Pude transmitir tudo que eu achava e compartilhei com todos os que procuraram o projeto da rádio”.

Ao trabalhar uma nova forma de escrita, o texto radiojornalístico, tínhamos a preocupação de respeitar o repertório sócio-cultural desses jovens, fazendo apenas revisões gramaticais nos textos, processo que era feito lado a lado com os estudantes. O nosso objetivo era fazer “comunicação”, no sentido freiriano da palavra, considerando as realidades e vivências dos educandos, atuando como “professores educadores” e não como o “agrônomos extensionistas”. Perspectiva essa que dialoga com o modelo alternativo de letramento proposto por Street (1984, 1993 apud KLEIMAN, 2008).

6 Considerações finais

Ao longo deste trabalho evidenciamos como o projeto educ comunicativo “Conexão CEEP” foi realizado e de que forma ele contribuiu para a formação dos participantes. Porém, uma pergunta base permeava todo esse processo investigativo: Qual é o papel da escrita e, conseqüentemente, do letramento nas atividades de educação realizadas no CEEP Norte Baiano, no ano de 2013?

Respondendo a esse questionamento, percebemos que a educação, enquanto área de interface entre os campos da Educação e da Comunicação possibilita trabalhar a escrita e a oralidade através dos meios de comunicação, partindo de uma perspectiva participativa e que leva em consideração as particularidades dos sujeitos. Na educação, a escrita tem o papel de ampliar as possibilidades de comunicação dos educandos, fazendo-os compreender que eles podem assumir o lugar de emissores, de produtores das suas próprias mensagens, que através de um meio de comunicação como o rádio, podem atingir um grande número de pessoas.

O trabalho com o texto radiojornalístico, na educação, permitiu aos estudantes entenderem que certas regras gramaticais e técnicas facilitam a compreensão das mensagens, e que cada meio de comunicação possui regras próprias as quais objetivam possibilitar uma melhor recepção do texto narrado, evitando ruídos e, conseqüentemente, interpretações equivocadas.

A escrita, na educação, pode se manifestar de diferentes maneiras, com ou sem a presença de veículos de comunicação, pois, como destaca o educador Mario Kaplún (1999, p.68), a educação “abarca também, em lugar privilegiado, o tipo de comunicação presente em todo o processo educativo, seja ele realizado com ou sem o emprego dos meios”. O que define as práticas educ comunicativas é a abordagem colocada em prática durante todo o processo educ comunicativo, trabalhando uma

perspectiva dialógica, participativa e democrática. A escrita, na maioria das vezes, acaba se manifestando, direta ou indiretamente, nos produtos resultantes dessas práticas, sejam eles produtos midiáticos ou não.

Levando em consideração os pressupostos da escrita e do letramento enquanto práticas sociais constitutivas de identidade e personalidade, como aborda Street (2006), foi possível observar como os escritos dos jovens participantes do projeto informaram muito sobre o contexto vivenciado por eles dentro e fora da escola. Do mesmo, as escolhas musicais expressas no script revelaram o lugar de fala desses jovens, que, na época, residiam na periferia de Juazeiro-BA, mas demonstravam, por meio da escrita, que já tinham passado por um processo de letramento escolarizado, o qual influenciava até mesmo os assuntos a serem abordados no programa radiofônico, como vimos o caso das pautas “redação do ENEM” e “vestibular seriado da UPE”.

7 REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2013.

KAPLÚM, Mario. Processos educativos e canais de comunicação. **Revista Comunicação & Educação**, São Paulo, Moderna/Eca-Usp, jan./abr. de 1999, p. 68-75.

KLEIMAN, Angela B. Modelos de Letramento e as práticas de alfabetização na escola. In: **Os Significados do Letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas, São Paulo: Mercado das Letras, 2008.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação - contribuições para a reforma do ensino médio**. São Paulo: Paulinas, 2011.

STREET, Brian V. **Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

STREET, Brian; BAGNO, Marcos. Perspectivas interculturais sobre o letramento. **Filologia e Linguística Portuguesa**, n. 8, p. 465-488, 2006.

TERZI, Sylvia Bueno. A oralidade e a construção da leitura por crianças de meios iletrados. In: **Os Significados do Letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas, São Paulo: Mercado das Letras, 2008.